

---

# A IDENTIDADE PATRIARCAL EM A IMITAÇÃO DA ROSA, DE CLARICE LISPECTOR

---

Gisélia Mendes da Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho pretende verificar de que forma a identidade patriarcal foi construída nos contos "Uma galinha, Amor e Imitação da rosa" que fazem parte do livro *Laços de família* (1960), de Clarice Lispector. Será investigado também de que maneira o diálogo mantido entre os três textos os aproxima de um mesmo destino de mulher. As obras *Declínio do Patriarcado* e *Que corpo é esse?* de autoria da professora e pesquisadora Elódia Xavier foram escolhidas como universo norteador desta pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa tem como objetivo central mostrar de que maneira a identidade patriarcal se manifesta no conto *A Imitação da rosa* de Clarice Lispector. O primeiro momento foi dedicado a algumas reflexões acerca da simbiose entre corpo e identidade. O segundo momento foi formulado a partir das inferências mapeadas no conto em discussão através da obra *“Que corpo é esse?”* da pesquisadora Elódia Xavier. Por fim, apresentamos algumas considerações que se dispõem, dentre outros encargos, a reafirmar o valor da literatura na discussão de construções identitárias.

A construção artístico-literária solidifica-se através do engajamento político, das entrelinhas sugestivas, do jogo inebriante das metáforas num perfeito diálogo entre o externo e o interno. Essa certeza intima-nos a admitir que a palavra artística só assume a protagonização quando está acompanhada de leitores especializados. Nesse caso, o letramento literário ganha um espaço catedrático e pode ser inscrito como alternativa basilar para que sejam formados leitores e escritores competentes que consigam, efetivamente,

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela UFS, pós-graduanda em Ensino de Português e Literatura da UFS. Professora da rede Estadual de Sergipe.

utilizar-se da Literatura enquanto arte comprometida com o social e atenta aos códigos estéticos por ela estabelecidos. Acreditamos indispensável mencionarmos que já houve períodos da história literária em que se priorizou o social (externo) em detrimento do estético (interno) e vice-versa. Acerca disto, fala-nos Antônio Cândido:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo (CÂNDIDO, 1975, p. 14).

A singularidade da literatura torna-se plural quando ela mantém uma relação intertextual com representações humanas que autorizam traduções amplas e desmistificadoras. Teríamos aqui uma proposta mais globalizada para repensarmos a arte da palavra, uma maior abertura para avaliarmos o teor significativo das camadas identitárias que acompanham a evolução existencial. No discurso que vai sendo elaborado, é possível construir e desconstruir identidades, reafirmar conceitos, negar a própria existência. Não há como ocultar a autenticidade da arte literária. A literatura possui um caráter flutuante. O compromisso que ela institui com o social não é indicativo de esfacelamento do estético. A epiderme da arte é o estético. O olhar que direcionamos para o texto é capaz de focalizar várias roupagens.

## CORPO E IDENTIDADE

O caráter híbrido das identidades aponta novas possibilidades de interpretação dos fatos cotidianos e estabelece um novo referencial de leitura para o fazer artístico. Assim, vida e arte permitem-se edificar, conjuntamente, numa linguagem bipartida que abre espaço para uma discussão pautada em visões direcionadas para constituições externas, e reconhece a relevância da arte para além da parceria obrigatória com a matéria social. Nesse

constante dialogismo, propósitos sociais e elementos estéticos estabelecem uma dialética que garante a revisão do leque temático e assegura a análise dos aspectos intimistas da obra.

A literatura, enquanto obra de arte, possui uma estratégia linguística que se molda com uma linguagem peculiar que vai acenando para uma perspectiva mais atuante e engajada politicamente. As vozes que falam na teia prosaica vão se enlaçando num complexo emaranhado em que obra, personagem e público seguem alinhando ações e posicionamentos. É possível firmar os padrões ideológicos de uma época e as normas sociais estabelecidas a partir dos elementos que constituem uma determinada narrativa. A sequência das ações do dia-a-dia constrói várias identidades.

A vida sem arte apenas sobrevive de incompletudes. Seria apenas mais uma história mal contada. A arte possui a fluidez das ondas, o balanço do mar. A professora Constância Lima Duarte conta-nos uma história e embala-nos em quatro ondas que nos convidam a mergulhar e conhecer, em pequenos goles, o sabor do feminismo no Brasil. Nas palavras da professora:

E, após ler e reler as escritoras e pensar na trajetória da literatura de autoria feminina concomitante à do movimento feminista, quero sugerir a existência de pelo menos quatro momentos comuns nessa trajetória... Também gosto de pensar nestes momentos como ondas, que se formam de maneira difusa, se avolumam até o clímax, para então refluir numa fase de aparente calma (DUARTE, 2007, p. 127).

São histórias que nos falam de mulheres que precisaram reviver e reaprender a sonhar. Se perderam e se encontraram. Se enganaram no véu das suas dores. Se encolheram no espartilho que sufocaram o seu balanço natural. Foram queimadas e renascem a cada dia.

Muitas mulheres entendem o casamento como destino inevitável e condenam-se a viver em um labirinto de angústias, decepções e injustiças, amarrando o seu destino a um quadro afixado na galeria de opressões que existem em qualquer família cujo modelo seja patriarcal. A voz da mulher foi silenciada durante muito tempo. O grito que hoje entoamos é testemunha inconteste de sentimentos reprimidos e ressentimentos adormecidos. A

condição feminina e o regime de opressão e submissão aos quais a mulher vem sendo submetida, há séculos, condenam-na a sofrer os efeitos visíveis e/ou invisíveis de um destino que merece ser denunciado.

O livro *“Que corpo é esse?”*, de Elódia Xavier, discute, com base nos estudos de gênero e da tipologia dos corpos, como as personagens das narrativas de autoria feminina são construídas. A trajetória seguida pela pesquisadora retoma a problemática apontada na ficção e repensada no cotidiano não ficcional.

A relevância dos estudos de autoria feminina confirmam a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre o corpo, sobre o feminino. E assim o faz Xavier que, baseando-se nos quatro corpos criados pelo sociólogo Arthur Frank, amplia a teoria para dez corpos que acreditamos poderem ser lidos como representantes de diferentes identidades. De acordo com Stuart Hall, tanto as diferenças quanto as identidades são fabricadas e essa construção ocorre a partir das relações sociais e culturais.

Os corpos invisível, subalterno, disciplinado, imobilizado, envelhecido, refletido, violento, degradado, erotizado, liberado compõem o decálogo corporal ampliado por Elódia Xavier e adaptado à literatura. Contudo, estabelecemos como objeto de estudo o corpo disciplinado, uma das faces da identidade patriarcal, que será analisado no conto *A Imitação da rosa* e investigado a partir da desenvoltura da personagem Laura.

O Corpo, notoriamente, tornou-se um lugar duvidoso na sociedade contemporânea. Ao mesmo tempo em que se reconhece a relevância da mulher como senhora do próprio destino (em vários segmentos sociais), é possível evidenciá-la (no universo da moda) como vítima de um sistema capitalista burguês que sempre soube comercializar os próprios interesses.

*Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino* é uma narrativa crítica que ao analisar as 23 narrativas de autoria feminina está analisando, também, a trajetória feminina didaticamente agrupada em categorias corporais. É um estudo que resgata uma temática histórico-social: “a supremacia do masculino: alma, em detrimento do feminino: corpo”. Nas palavras da pesquisadora Elódia Xavier: “As conceituações do corpo através da história da

humanidade nos revelam características importantes do pensamento filosófico, que sempre privilegiou a mente em detrimento do corpo” (2007).

A Imitação da rosa, conto que compõe a obra Laços de Família, narra a história de Laura, mulher condenada a viver a insensatez da vida. O seu comportamento é fruto de uma estrutura familiar cuja organização é pautada nos ditames do patriarcalismo. Convivendo com o desejo de ultrapassar os limites da opressão, Laura, protagonista da narrativa, vive em constante busca de reafirmação do ser. Deseja o espaço público (a rosa é o símbolo do objeto desejado) e teme comprometer a estabilidade do espaço privado (o lar). Essa dualidade processa na protagonista um estado de alma desajustado. Toda a narrativa ocorre em um apartamento onde, aparentemente, transcorre tudo em perfeita ordem.

O aprisionamento que se elabora em torno do contexto familiar é decisivo. As atividades diárias são planejadas de uma maneira hedionda, visto que encarceram mesmo com as portas escancaradas. Essa é uma das máscaras usadas pelos guardiões do patriarcado que não se esquivam em defender uma política doméstica que estabelece regras, elabora leis e condena ao confinamento por injusta causa. O espaço do lar é usado como um ambiente, incontestavelmente, propenso à felicidade. O ser feminino foi criado para contentar-se com a vida à margem das realizações.

Antes que Armando voltasse do trabalho a casa deveria estar arrumada e ela própria já no vestido marrom para que pudesse atender o marido enquanto ele se vestia, e então saíam com calma, de braço dado como antigamente (LISPECTOR, p. 34).

Além do cumprimento das normas pré-estabelecidas no destino natural: cuidar da casa, dos filhos e do marido, a mulher tem que se manter sempre bem, com um sorriso estampado no rosto. É o jogo das aparências criando as suas próprias ciladas. As algemas da tradição são tão importantes que, mesmo quando elas não são colocadas, têm o poder de acorrentar. “Como um gato que passou a noite fora e, como se nada tivesse acontecido, encontrasse sem uma palavra um pires de leite esperando” (LISPECTOR, p. 34).

Laura é a representação do corpo disciplinado pois cede às estruturas de dominação: é submissa e oprimida, mas surpreendentemente usa o discurso do suposto desequilíbrio mental para contestar o anulamento do espaço privado e suas representações. A insatisfação diante do destino que lhe é imposto é categoricamente denunciado pela personagem Laura que não se identifica com a fragilidade do lar artificial que foi criado para que ela simplesmente existisse.

O universo feminino historicamente vem sendo construído e emoldurado através de relações de dominação e de poder. A personagem Laura aprendeu a conviver com a porta fechada para a felicidade, para o amor e para a vida, mas é possível observar um certo quê de mistério no seu comportamento. Na sua suposta insanidade, é consciente de que necessita mascarar a realidade para continuar usufruindo dos privilégios proporcionados pela segurança do lar. Assim, é relevante que seja pontuada a importância da dinamicidade das relações de gênero, já que a mulher, mesmo quando oprimida, submissa..., pode ser, também, um agente de transformação.

A ironia de Clarice Lispector é avassaladora. Ela chega ao extremo para mostrar a discriminação do universo feminino desgastado pelo sistema que condiciona o ser humano a repetir as mesmas insatisfações e anular qualquer tentativa de superação.

O caráter irônico-contestador presente em *A imitação da rosa* deixa entrever o inconformismo de Laura diante da sua condição de sujeito feminino que oscila entre o corpo disciplinado e a tentativa frustrada de encontrar a libertação do corpo. É possível afirmar que Laura testemunha a mobilidade identitária de que nos fala Bauman “trata-se de um corpo em constante formação, num processo de expressiva recriação do mundo do qual faz parte”.

*A imitação da rosa* não possui um completo modelo familiar representativo do patriarcado, já que existe a ausência de um filho.

Por acaso alguém veria, naquela mínima ponta de surpresa que havia no fundo de seus olhos, alguém veria nesse mínimo ponto ofendido a falta dos filhos que ela nunca tivera? (LISPECTOR, p. 35).

O destino feminino está atado ao espaço doméstico (privado), enquanto aos homens ficam reservadas as atividades associadas às instituições oficiais (público). Elódia Xavier mostra-nos de que forma esta construção social ocorre:

A separação entre o público e o privado, com frequentes referências à casa, ao lar e à família - familiar significando não estranho e, portanto, não perigoso - se insere no sistema de gênero, presente na sociedade brasileira (XAVIER, 1998, p. 27).

Os tipos de corpos anunciados por Elódia Xavier são dinâmicos: migram, evoluem e abandonam, na maioria dos casos, o previsível. Em “Que corpo é esse?”, a pesquisadora resgata, anuncia, transcreve momentos de obras literárias já consagradas e consegue tornar esses momentos ainda mais sublimes. Xavier convida-nos a saborear o que já foi muitas vezes degustado. Os seus escritos estão no intervalo entre a objetividade da pesquisa e a arte de pesquisar.

A dominação masculina apresentada no conto A Imitação da rosa testemunha a confirmação do sistema opressor que condena o sujeito feminino a conviver com a discriminação como se esta fosse um processo natural. As Instituições sociais encarregam-se de perpetuar o suposto destino de mulher. Diz Elódia Xavier:

A masculinização do corpo masculino e a feminilização do corpo feminino são o resultado de um trabalho incessante e interminável que acaba por materializar a dominação masculina. Neste processo, trabalham, conjunta e harmoniosamente, Família, Escola, Igreja e Estado (XAVIER, 2007, p. 77).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A funcionalidade pedagógica da arte evidencia-se quando é possível verificar a permanência de temas que ultrapassam gerações e continuam despertando interesse e ampliando o universo das significações. Vale ressaltar a propriedade com que Carlos Magno Gomes e Ana Leal Cardoso destacam a relevância do valor pedagógico dos estudos de gênero para a literatura pois essa forma de encarar o texto artístico “traduz um processo de reeducação das mulheres que colocam as normas em suspensão” (CARDOSO, 2007, p. 3).

O núcleo familiar é um espaço por excelência de reafirmação de estruturas hegemônicas. O sistema patriarcal reúne padrões sociais moldados numa estrutura familiar repressora e arbitrária que condena o feminino a distanciar-se dos sabores e dissabores da vida. É um anulamento mesquinho e perverso que, num processo de aniquilamento existencial que conduz um grupo significativo de pessoas a acreditarem na eterna bipartição masculina e feminina como algo categoricamente natural.

A expressão feminina há séculos foi condenada a viver aprisionada no espaço privado e sentenciada a abdicar do espaço público em nome da honra. A necessidade de contestar a relação injusta e discriminatória que une homens e mulheres nos pilares da cultura patriarcal é imprescindível para a formação dos conceitos feministas. É necessário que o pensamento contestador possa estar sempre presente nas esferas socioculturais e torne possível uma política identitária que amplie as discussões em torno da importância da visibilidade do sujeito feminino.

Às vezes imaginamos que em pleno século XXI tudo já tenha sido dito em defesa da figura feminina: que a sua emancipação já é fato consumado, que as limitações impostas à mulher são coisas do passado. Sem dúvida vivemos novos tempos e participamos de uma nova ordem social. Mas isso não nos dá o direito de negarmos as ações repressoras que são ouvidas em inúmeros cativeiros e, em vários tons e através de diferentes discursos, são capazes ainda de atender pela alcunha de sociedade patriarcal.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ana Leal , GOMES, Carlos Magno. (Orgs.) **Do Imaginário às Representações na Literatura**. São Cristóvão: Editora UFS, 2007.

DUARTE, Constância, Lima. Pequena história do feminismo no Brasil. In **Do imaginário às representações na Literatura**. CARDOSO, Ana Leal e GOMES, Carlos Magno (Orgs). São Cristóvão: Editora da UFS, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ªed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.

XAVIER, Elódia. **Declínio do Patriarcado – a família no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 1998.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? – o corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.